

Médico: para onde vai essa profissão ?

Dr. Sidney de Souza Almeida (in memorian)

Texto extraído do livro Radiografias do meu universo: histórias e confissões de um médico brasileiro. Ed. Caminho Editorial, Americana, São Paulo, 1998.

Optamos pela redação deste artigo pela oportunidade que tivemos de ter vivenciado a vida do médico de "ontem" e estarmos vivendo e presenciando a via do médico de "hoje". Somos do tempo em que o médico e o padre exerciam não só o mesteres de suas profissões, mas atuavam ainda como líderes e conselheiros dos membros de suas comunidades. A eles competia não só tratar do corpo e da alma, mas ainda lhes cabiam até os juizados de disputas entre vizinhos ou mesmo levar a paz nas desavenças entre marido e mulher.

Falando deste assunto, minha mente regride quarenta e dois anos quando, em uma pequena cidade, vivia a figura do médico de família, que agora se pensa em ressuscitar. Na cidade vizinha, um pouco maior, outros seis colegas exerciam o mesmo cargo: médicos de família. Fazia-se de tudo: cirurgias, partos, curetagens, fraturas e o que mais aparecesse. Bons tempos! Éramos amados e respeitados. Exercíamos a Medicina na plenitude de sua função básica, que sempre foi alicerçada na relação direta médico-paciente, sem os intermediários com suas restrições hoje impostas à classe médica.

A confiança mútua médico-paciente era essencial para se alcançar o supremo fim da Medicina, qual seja, a cura do paciente. Às vezes, palavras carinhosas de conforto ou simples gotinhas, sem gosto, sem cheiro e sem nada, eram suficientes. Tratávamos ricos, remediados e indigentes com o mesmo carinho e a mesma atenção. Hoje, o médico passou a ser apenas um número, um segmento dependente de um sistema perverso de Saúde, que cada vez mais o subjuga e o estrangula: planos de saúde, medicina de grupo, seguro-saúde, cooperativas, auto gestões e até funerárias, todas tendo como fachada e objetivo o lucro, idêntico a qualquer casa comercial.

O profissional hoje, ao cuidar de um paciente, não é mais o senhor de determinar o número de consultas que necessita, de quantos e quais exames complementares são necessários, de quantos dias de UTI. Tudo é tabelado, como se fossem produtos nas prateleiras dos supermercados.

O médico sente-se frustrado pelas limitações de sua autonomia, contrariando o Código de Ética Médica, em seu artigo 8º, Capítulo 1º: "O médico não pode, em qualquer circunstância ou sob qualquer pretexto, renunciar à sua liberdade profissional, devendo evitar que quaisquer restrições ou imposições possam prejudicar a eficácia e correção de seu trabalho". Essa sua liberdade de decisão lhe é castrada por todos os tipos de convênios. O paciente, indignado e revoltado, se frustra (e isso se vê diariamente nos jornais e televisões) por não ter sido atendido como devia e, na maioria das vezes, não se lhe dá nem o direito da escolha de seu médico, sendo-lhe impingido o assalariado do convênio que, em dois minutos, o despede sumariamente, pensando na enorme fila dos que ainda tem para atender.

Quanto mais rápido se desocupar, mais tempo lhe sobra para, correndo ocupar dois ou três empregos mais, para conseguir o mínimo para uma sobrevivência com um mínimo de dignidade. Há, certamente, aqueles que conseguem usufruir de um bom nível de vida, colhida através de uma longa, dedicada e árdua jornada de trabalho. Mas, essa não é a tônica da maioria que, após estafantes jornadas de cansativos plantões, conseguem adquirir seu automóvel, ferramenta indispensável ao seu trabalho, para depois ainda ouvir gracejos tipo: "Só mesmo sendo médico para ter carro tão bonito".

Prevejo que vai chegar o dia em que, quando um médico estiver morrendo afogado, um outro, esbaforido, vem lhe perguntar aflito: "Por favor colega, antes de morrer me diga onde você trabalha". Ouvida a resposta, ao invés de socorrer o afogado, sai correndo à procura daquele emprego. Tarde demais! O emprego já estava ocupado pelo médico que havia empurrado o afogado...

www.imaginologia.com.br

Imaginologia.com.br - Radiologia e Diagnóstico por Imagem para médicos clínicos e cirurgiões.